

A História Acreana nas Ondas do Rádio

Francisco de Moura PINHEIRO¹

Resumo: Uma conversa aparentemente despretensiosa sobre fatos e personagens da história do Acre é o que levam ao ar os amigos Aarão Prado (locutor) e Marcos Vinícius Neves (historiador) todos os dias pela Rádio Aldeia FM, em Rio Branco/AC. O programa, com cerca de dois minutos de duração, a julgar pela reação de boa parte dos acreanos, seja incentivando os apresentadores a abordarem determinados fatos, quando os encontram pelas ruas, seja telefonando para completar ou corrigir alguma informação, tem causado mais interesse pela história do Estado do que as exposições tradicionais normalmente levadas a efeito nas salas de aula. Denominado Papo ou História?, o programa parece caminhar para uma espécie de dessacralização e, ao mesmo tempo, de disseminação da historiografia regional. Tecer considerações sobre essa aproximação entre o rádio e a história é o que objetiva deste artigo.

Palavras-Chave: Amazônia; Chico Mendes; Galvez; historiografia regional; rádio.

Resumen: Una conversación aparentemente sin pretensiones sobre los hechos y las figuras de La historia de Acre es lo que hablan en aire los amigos Aaron Prado (anunciador) y Marcos Vinicius Neves (historiador) todos los días por la radio FM Aldeia, de Rio Branco/AC. El programa, con cerca de dos minutos de duración, a juzgar por la reacción de gran parte de los habitantes del Acre, que anima a los presentadores para hacer frente a ciertos hechos, cuando los encuentran por las calles e por telefono, ayudando con nuevas informaciones, ha causado más interés en la historia del estado que las exposiciones tradicionales en las aulas. Llamado de Papo ou História?, el programa parece estar moviéndose hacia una especie de profanación y, al mismo tiempo, haciendo la propagación de la historiografía regional. Hacer

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), doutorando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e jornalista na Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: fdandao@gmail.com

consideraciones sobre el aciercamiento entre el radio y la historia es que el objetivo de este artículo.

Palabras Clave: Amazonia; Chico Mendes; Gálvez; historiografía regional; radio.

Acre: Opção pelo Brasil e Vocação Ambiental

Estado de reduzidas proporções territoriais (apenas 152.581 Km²), o Acre, no extremo oeste da Amazônia brasileira, até 24 de janeiro de 1903 pertencia à vizinha Bolívia. Para que se possa compreender que mudança de nacionalidade foi essa que faz os acreanos de hoje se autodenominarem “brasileiros por opção” é preciso recuar no tempo até a segunda metade do século XIX, época em que dois fatores fizeram com que uma enorme leva de migrantes nordestinos rumasse para a região: uma grande seca no Nordeste do Brasil e a crescente exploração da árvore da seringueira, abundante em todo o espaço territorial do Norte do país, bem como em suas adjacências estrangeiras, com mais ênfase na quente, úmida e densa selva tropical da Bolívia.

Os migrantes, na ânsia de explorar os seringais e, conseqüentemente, enriquecer com a extração do látex, foram cada vez mais longe no rumo oeste. E assim, acabaram invadindo o território boliviano, de quase nenhuma densidade populacional. Essa invasão despertou os bolivianos para a defesa do espaço que por direito lhes pertencia. Os brasileiros, entretanto, não pretendiam desistir da empreitada. E, então, para que se instalasse um conflito armado foi só questão de um instante. Tanto que, em 14 de julho de 1899, liderados pelo aventureiro espanhol D. Luiz Galvez de Arias, os brasileiros tomaram a bala o território dos bolivianos, fundando um Estado independente.

O novo país durou pouco. Somente até dezembro deste mesmo ano de 1899, quando, com a ajuda da nação brasileira, os bolivianos retomaram o espaço perdido. Mas os brasileiros não se conformaram com a derrota e iniciaram outra ofensiva, em 6 de agosto de 1902, desta feita sob a liderança de um gaúcho chamado Plácido de Castro. Os bolivianos, como seria natural esperar, resistiram, e o conflito, que passou à história como Revolução Acreana, só foi resolvido com a entrada em cena da diplomacia brasileira. Para o encerramento das hostilidades, foi assinado um acordo, denominado Tratado de

Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, onde o Brasil ficava com aquela parte do território boliviano, mediante o pagamento de uma quantia em libras esterlinas.

Nascido como Território Federal - diretamente, portanto, vinculado ao poder central -, o Acre emergia, então, como um pedaço da nação dotado de extrema riqueza, dada a proliferação da seringueira, planta nativa de onde se extraía a matéria prima para a fabricação da borracha, produto básico para abastecer a indústria de pneumáticos mundial. Mas a euforia da exploração do que se chamava na região “ouro negro” durou somente até 1915, quando o látex passou a ser produzido nos seringais da Malásia, com melhor qualidade e a preços mais baixos. Vinte e seis anos depois, por conta da Segunda Guerra Mundial, que impedia a exportação da borracha asiática pelos Estados Unidos, novamente o látex da Amazônia (e do Acre, por conseguinte) voltou a ser valorizado. Situação favorável que durou até 1945, com o término do conflito planetário. Daí até os anos de 1970, a economia acreana, totalmente desprovida de indústrias ou de produção de bens de consumo, sofreu um período de profunda estagnação.

Por entender que não seria mais possível viver unicamente do extrativismo, e dispendo de toda aquela terra antes destinada ao cultivo e exploração da seringueira, as autoridades públicas do Acre acharam por bem substituir a antiga riqueza pela formação de grandes fazendas de gado. Para que tal plano de ação fosse, de fato, levado a efeito, era preciso desapropriar a terra dos seringueiros e vendê-la aos novos donos, os fazendeiros. As consequências danosas dessa política pública equivocada não demoraram a aparecer, com famílias sendo expulsas do lugar em que sempre viveram e outras resolvendo ficar nos seus locais de origem. Duas foram as consequências imediatas: centenas de pessoas formando um cinturão de miséria nas periferias urbanas e a eclosão de lutas sangrentas no campo de proporções inimagináveis.

Os ex-seringueiros miseráveis das periferias urbanas, visíveis apenas em nível local, não parecem ter impactado de maneira mais incisiva a opinião pública, muito menos parecem ter comovido as autoridades da época. As lutas no campo, ao contrário disso, principalmente a partir dos assassinatos dos líderes sindicais Wilson Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília (cidade na fronteira do Brasil com a Bolívia, a 240 km da capital Rio Branco), e Chico Men-

des, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (município a 140 km de Rio Branco), estas parecem ter despertado o mundo para a situação degradante do Acre em relação ao seu modelo de desenvolvimento econômico, que não dava atenção ao meio ambiente. O primeiro, morto em julho de 1980, enquanto o segundo, morto em dezembro de 1988.

Em 1990, por vários fatores, entre os quais a mudança do paradigma desenvolvimentista antropocêntrico que vigorava nos tempos de modernidade, em termos globais, mas principalmente, em nível local, por causa da repercussão negativa causada pela morte de Chico Mendes, o Governo federal resolveu interceder para a diminuição da violência na floresta acreana e, por extensão, em toda a região da Amazônia brasileira, criando, por solicitação do Conselho Nacional de Seringueiros, o instituto das Reservas Extrativistas (Decreto 98.897/90), tendo como principais objetivos promover a conservação do meio ambiente, a manutenção das populações locais que exerciam atividades econômicas tradicionais não degradadoras e o aumento das pesquisas científicas que visassem o incremento da produtividade e a melhoria das condições de vida da população.

Embalado por essa mudança de paradigma, a esquerda acreana, da qual muitos sindicalistas e seringueiros, ex-companheiros tanto de Wilson Pinheiro quanto de Chico Mendes, faziam parte, incorporou ao seu discurso político a defesa do meio ambiente como bandeira de luta. Nos seus debates, tanto de configuração interna quanto externa, era sempre tema de argumentação a incapacidade do poder público, dominado por integrantes de partidos políticos como PMDB, PDS/PPB/PP e PFL, de administrar a causa ecológica, bem como os seus desdobramentos econômicos, políticos e sociais. “O resultado desses debates e discussões sugere que não era assunto para ser resolvido unicamente pelo Estado, mas, isso sim, a partir de uma intensa movimentação popular”. (PINHEIRO, 2010, p. 4).

Não havia como deixar de lado um tema tão instigante. A preservação dos recursos naturais amazônicos e dos povos da floresta ganha *status* de prioridade absoluta. A Frente Popular, uma coalizão suprapartidária formada pelos partidos de esquerda PT, PV e PC do B, percebe que a defesa da vida, pela preservação ambiental, é o melhor caminho para a sua ascensão ao poder estadual. A estratégia da Frente Popular de usar como

principal ponto da sua proposta de governo a questão da preservação ambiental, a partir da superação do antropocentrismo e do respeito à natureza, se mostrou acertada e, na eleição de 1998, a citada coalizão, tendo à frente um nome ligado do Partido dos Trabalhadores (PT), foi escolhida para governar o Acre.

Uma vez chegados ao poder, os membros da Frente Popular entenderam que era preciso empreender ações que pudessem garantir a continuidade do apoio popular que os fez derrotar as antigas oligarquias que haviam governado o Estado desde sempre. Entre essas ações, destaque para três, relacionadas ao que interessa para o desenvolvimento deste artigo: a de criação do neologismo “florestania”, juntando numa só as palavras “floresta” e “cidadania”, na tentativa discursiva de reafirmar às pessoas o compromisso do governo de dotar os habitantes da floresta dos benefícios comuns a todos os cidadãos; a reafirmação de vultos e fatos da história acreana, para que todos os nativos pudessem sentir orgulho dos seus personagens mais notórios e, assim, melhorar a própria autoestima; e o investimento nos veículos de comunicação, tanto do ponto de vista do fortalecimento dos que já existiam quanto da criação de outros.

A história em Forma de Bate-Papo no Rádio

Por conta de toda essa riqueza de fatos resumidamente contados até aqui neste texto e dentro da perspectiva de fortalecer os personagens e os feitos relativos à história do Acre, uma série de programas e inter-programas foi produzida e veiculada pela rede de difusão pública acreana nos últimos doze anos pelos técnicos e jornalistas ligados à Assessoria de Comunicação do Estado, principalmente em peças de rádio e de televisão. Peças que vão desde entrevistas com professores e historiadores, passando por canções de tom ufanístico regional (o próprio hino oficial do Estado ganhou várias versões em forma de canção – uma delas, especialmente para a televisão, com cenas de paisagens bucólicas onde são valorizadas as pessoas e as atividades ligadas à economia florestal), até pequenas crônicas enfocando a vida das cidades interioranas.

A peça mais recente (a primeira edição foi para o ar em maio de 2011) para o veículo rádio (Aldeia FM), entretanto, com enfoque essencialmente nos fatos e personagens da história acreana, não surgiu, necessariamente, por iniciativa dos técnicos e jornalistas ligados à

Assessoria de Comunicação do Estado. Surgiu da verve criativa de um historiador carioca de nome Marcos Vinícius Neves, que há mais de vinte anos se mudou para o Acre, e que, desde então, pesquisa incessantemente os mais variados aspectos da historiografia regional. O modelo é simples: duas pessoas (no caso, o historiador e um locutor) conversando por cerca de dois minutos sobre alguma curiosidade histórica, sendo que ao fim da conversa, o locutor pergunta para o historiador: “Como é que você sabe disso, você estava lá?” Resposta do historiador: “Não, eu não estava lá, mas eu me lembro!”. O resultado dessa junção de história, rádio e conversa fiada, passado meio ano da estreia do programa “Papo ou História?!” , do ponto de vista da aceitação popular, tem sido tão animador que os seus idealizadores já receberam a missão dos técnicos do governo de adaptar o modelo para a televisão.

Sobre como foi gerada a ideia de fazer um programa dessa natureza, o historiador Marcos Vinícius, principal responsável pela iniciativa, explica que ele sempre teve vontade de fazer alguma coisa no rádio, mesmo que até então não soubesse exatamente o quê. Afinal, garante o historiador, são muitas as histórias sobre o rádio no Acre. “Desde a antiga e evidente importância (recheada de impressionante atualidade) do programa de mensagens da Rádio Difusora Acreana, até a saudade que muitos sentem da antiga rádio-novela O Egípcio, que marcou a vida de tantos acreanos”. (NEVES, *Jornal Página 20*, 2011, p.13). A questão, no dizer do historiador, é que a oportunidade concreta nunca havia aparecido. Até que sobreveio, meio que por acaso, uma conversa entre ele, o locutor Aarão Prado e o diretor da Rádio Aldeia FM, Alexandre Nunes.

Minha proposta básica era contar histórias diversas do Acre no rádio, mas de forma leve e estimulante, sem aquele tom maçante que muitas vezes reveste o estilo formal da história. Mas como? Eu só tinha, então, a proposta de um bordão pra concluir todas as histórias, dando certa unidade entre elas. ‘Eu não tava lá, mas me lembro!’. Que era uma maneira de dizer que não é porque uma história aconteceu há muito tempo que não podemos nos lembrar dela como algo vivo e presente (...). E coube ao Aarão encontrar a resposta. ‘Vamos fazer uma conversa sobre causos e história. Eu pergunto e você responde, que acha?’. Aí eu fiquei mais preocupado

ainda. ‘Mas, Aarão, as histórias tem que ficar curtas, porque senão ninguém aguenta ouvir. Só se, depois de gravar, a gente editar as gravações pra tirar os gaguejos, diminuir os intervalos da fala e assim por diante’. Ao que o Alexandre retrucou. ‘Que nada. De repente a gente nem precisa editar, pra ficar o mais natural possível. Acho boa ideia esse formato de conversa, vamos testar pra ver como é que fica’. (NEVES, *Jornal Página 20*, 2011, p. 13).

A preocupação do historiador Marcos Vinícius Neves de que o formato poderia não dar certo acabou não se justificando. A sugestão do diretor Alexandre Nunes deu tão certo que rapidamente foram gravadas dez histórias. “É importante ressaltar que o Aarão é muito criativo e bom de improviso, e assim, além das perguntas iniciais, começou a fazer todo tipo de comentário gaiato (...)”. (NEVES, *Jornal Página 20*, 2011, p. 13). E depois disso, ressalta NEVES (*Jornal Página 20*, 2011, p. 13), “a coisa toda virou uma gostosa brincadeira (...)”. Tanto que antes mesmo de ir para o ar a primeira história, outras quinze foram gravadas.

Com vinte e cinco histórias esperando a hora de se conectarem aos ouvintes, chegou o momento do batismo do programa. E novamente foi o locutor Aarão Prado quem apresentou a ideia vencedora: “Papo ou História?”. Marcos Vinícius conta que achou esse título muito informal. Mas foi voto vencido ante a aprovação do diretor Alexandre Nunes. “Não tinha mais jeito. O tom geral do programa, entre a brincadeira e o sério, estava definido”. (NEVES, *Jornal Página 20*, 2011, p. 13). Definido o tom geral e batizado o programa, sobreveio ainda outra preocupação ao historiador. É que a vinheta de abertura, na opinião de Marcos Vinícius, tinha algo de quase galhofa. Mas os parceiros de aventura nem se importaram com mais essa preocupação e o programa foi ao ar do jeito que estava proposto, inclusive com a vinheta gaiata.

“(...) Assim, quando o programa entrou no ar, eu estava muito apreensivo se ia funcionar ou não. Mas, logo, comecei a gostar da proposta geral. O tom brincalhão da abertura do programa, mais a conversa descontraída e o bordão final, que se repete com pequenas variações, fizeram um bom conjunto. Com uma vantagem adicional totalmente inesperada. Com esse formato, o programa deixa

claro que – apesar da história ser algo sério e que precisa ser encarada com responsabilidade, já que mexe com a vida das pessoas que, de uma forma ou de outra, são tocadas por ela – a história não precisa necessariamente ser encarada de forma sisuda ou matéria de especialistas, podendo ser tão leve, sem deixar de ser reveladora, quanto uma boa história contada entre amigos na varanda de casa (...)”. (NEVES, *Jornal Página 20*, 2011, p. 13).

Sobre a percepção de como o programa tem chegado aos ouvintes, Marcos Vinícius diz que adoraria dizer que dez em dez pessoas reagiram afirmativamente à proposta. Mas garante que não tem essa pretensão. Inclusive porque duas semanas depois que as “historinhas” começaram a ir ao ar, ele leu em um blog local pelo menos uma crítica extremamente ácida. Mas, em compensação, são múltiplas as manifestações de satisfação de ouvintes. Desde mães que o apontam para os filhos nas ruas, indicando-o como a pessoa que conduz o programa, até de gente que liga para ele corrigir alguma versão da história que foi para o ar e que não faz muita justiça ao que realmente aconteceu.

Independentemente, porém, de como mais ou menos pessoas aprovem ou desaprovem o conteúdo e o formato do programa, Marcos Vinícius se diz gratificado por ter descoberto essa maneira de contar a história do Acre, explicando que isso provavelmente tenha acontecido porque há muito tempo a história deixou de ser para ele apenas uma tarefa profissional, com uma técnica que se aprende e se aplica em salas de aula, em palestras, em artigos, em livros. “História é cotidiano, é encantamento, é tragédia, é vida de pessoas. Não há motivo para reduzir a história a uma mera formalidade que só precisamos saber pra passar no vestibular (...)”. (NEVES, *Jornal Página 20*, 2011, p. 13). E além de gratificado, o historiador diz que, a partir do programa, redescobriu como é impressionante o poder do rádio, uma vez que já no segundo dia em que o programa ‘Papo ou História’ entrou no ar começaram os comentários. “(...) Engraçado, neste mundo informatizado em que se diz que tudo é em tempo real, on line, o rádio já faz isso há muito tempo e a gente nem se dá conta (...)”. (NEVES, *Jornal Página 20*, 2011, p. 13).

As Vinte e Cinco Primeiras Historietas

As vinte e cinco primeiras historietas acreanas gravadas pela dupla Marcos Vinicius Neves e Aarão Prado, e levadas ao ar pela Rádio Aldeia FM, a partir da capital, Rio Branco, em rede com todos os vinte e dois municípios do Estado, tem os títulos e os enredos a seguir listados.

Aeroporto – História da aviação, desde o ano de 1935, época em que os aviões que chegavam ao então Território Federal pousavam no rio Acre, enfatizando como foi construída a primeira pista de pouso de Rio Branco.

Amim Contar – História trágica do encontro entre um governador do Acre, de nome Cunha Vasconcelos (apelidado de Surucucu, dado a sua valentia), e um comerciante turco da cidade de Tarauacá, chamado Amim Contar.

Autonomista – História do movimento de políticos acreanos para dar autonomia administrativa ao Território Federal, elevando-o à categoria de Estado, poucos anos após a anexação do referido espaço geográfico ao Brasil.

Balsa – História das origens de uma lenda tradicional entre os acreanos no tocante ao destino dos candidatos derrotados nos pleitos eleitorais locais, que iriam ao sabor da correnteza do rio Acre até o vizinho estado do Amazonas.

Bolívia – História de uma estátua de bronze que existe em Cobija, capital do Departamento de Pando, na Bolívia, fronteira com a cidade acreana de Brasiléia, cujo personagem representado teria causado a derrota dos brasileiros numa das batalhas pela anexação do Acre ao Brasil.

Cavalo branco – História de uma troca inusitada de dois cavalos de raça por terras da Bolívia, entre a diplomacia brasileira e um presidente boliviano chamado Mariano Melgarejo, durante a assinatura do Tratado de Ayacucho.

Cobra grande – História sobre uma lenda urbana de que uma das curvas do rio Acre, que corta a cidade de Rio Branco, seria habitada por um monstro mitológico chamado Cobra Grande. A lenda, na versão do programa “Papo ou História?!” teria sido inventada por um padre católico, para cobrar obrigações dos fiéis.

Cruzeiro do Sul – História sobre a falta de ligação, tanto fluvial quanto terrestre, entre os extremos do

Acre (Assis Brasil e Cruzeiro do Sul) e da proposta de Euclides da Cunha de realizar essa integração por ferrovia.

Cruzeiro do Sul autonomista – História sobre o início do movimento de autonomia administrativa do Acre, em 1910, localizando a reivindicação em Cruzeiro do Sul, uma das cidades mais ocidentais do Brasil.

Daime – História da doutrina do Santo Daime, originária do Estado do Acre, iniciada pelo maranhense Irineu Serra, cujo ritual usa uma bebida extraída de um cipó nativo para o transe dos adeptos durante as respectivas celebrações.

Galvez – História do aventureiro Luiz Galvez, que liderou um grupo de brasileiros numa guerra contra a Bolívia para tomar uma parte do território do citado país. Como resultado do conflito, Galvez acabou proclamando a República do Acre, em 14 de julho de 1899.

Juvenal Antunes – História de um promotor de justiça, poeta e boêmio vindo do Rio Grande do Norte para o Acre, em 1912, que se notabilizou por um modo de vida peculiar, muito mais dedicado à literatura do que, necessariamente, aos afazeres profissionais.

Manoel Urbano – História do pioneiro tido como o descobridor do Acre, primeiro explorador dos rios acreanos em toda a sua extensão, feito que só teria sido possível graças a uma aliança feita pelo personagem com os índios que habitavam a região.

Palácio Rio Branco – História de um incidente envolvendo o Exército Brasileiro, cujo um dos seus soldados disparou inadvertidamente, nos anos de 1980, um tiro de canhão contra o Palácio Rio Branco, sede do Poder Executivo acreano.

Penápolis – História da nomenclatura da cidade de Rio Branco que, nos primeiros anos de sua formação, dividida pelo rio Acre, teria dois nomes. Em um dos lados chamava-se “Empresa”, no outro se chamava “Penápolis”.

Pio Nazário – História de um combatente da Revolução Acreana, responsável direto pela vitória dos brasileiros num dos combates contra os bolivianos, por conta de uma atitude inusitada.

Primeiro governador do Acre – História do professor José Augusto de Araújo, primeiro governante do Acre, eleito em 1962, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), derrotando o mentor da lei de criação do

Estado, José Guiomard dos Santos, que concorreu pelo Partido Social Democrático (PSD).

Quinari – História para explicar os motivos pelos quais o município acreano legalmente batizado como Senador Guiomard só é conhecido pelo nome de Quinari.

Rio Acre – História de uma lenda de que as pessoas que bebem a água do rio Acre não voltam mais para os seus lugares de origem. O mistério do rio, no caso, seria a cor das suas águas, igual à cor da bebida “santo daime”.

Riozinho do Rola – História de como se batizavam os seringais acreanos no início do século XX, tendo como referência a embocadura dos rios que passavam nas terras da pessoa que tomava a posse do respectivo lugar.

Sapopemba – História das tocaias patrocinadas por seringalistas contra seringueiros que conseguiam obter saldo nas transações comerciais entre ambos, relacionando o lugar das emboscadas com o tronco de uma árvore nativa.

Sena Madureira – História da divisão departamental do Acre nos primeiros anos de existência: Alto Purus (capital Sena Madureira), Alto Acre (capital Rio Branco) e Alto Juruá (capital Cruzeiro do Sul).

Sena Madureira II – História do movimento pela autonomia administrativa do Estado, na cidade de Sena Madureira, que culminou com a deposição do prefeito local, em 1912, fato que contou, inclusive, com a participação da Marinha brasileira.

Tescom – História de uma liderança indígena do rio Liberdade, em Cruzeiro do Sul, que organizou comunidades na floresta contra a exploração dos chamados homens brancos, chegando a entrar em conflito armado, principalmente com peruanos.

Wilson Pinheiro – História do primeiro grande líder sindical dos trabalhadores rurais do Acre, considerado o precursor de Chico Mendes, e que foi assassinado na cidade de Brasília, em julho de 1980.

O Texto no Contexto

Os textos dos diálogos levados a efeito entre os apresentadores Aarão Prado e Marcos Vinícius demonstram, pelo tom coloquial, o quanto eles pretendem que o programa se assemelhe a um bate-papo entre dois ami-

gos reunidos ao acaso. A transcrição, a seguir, de alguns dos roteiros, demonstra muito bem essa intenção.

Autonomista

Aarão Prado – Marcos, tu sabes que a gente mora numa terra de muros baixos, né? Então, assim, a gente sabe, geralmente, quem é o dono das coisas, né? Eu passei ali por um prédio do Governo e tem lá prédio dos autonomistas... Quem são esses caras?

Marcos Vinícius – Olha, o Movimento Autonomista foi consequência da Revolução Acreana. A revolução lutou para que o Acre fosse parte do Brasil. Quando conseguiram, criaram o Território Federal do Acre, que foi o primeiro território federal da história do Brasil. Esse modelo foi criado para o Acre. E foi pro governo federal poder ficar com o dinheiro da borracha acreana. Então, era o interesse econômico. Entretanto, esse território federal negava aos acreanos o direito de eleger seus governantes. Os governadores do Acre eram nomeados pelo Presidente da República, lá no Rio de Janeiro. E isso deu origem, já a partir de 1904, 1905, ou seja, logo depois da revolução, ao Movimento Autonomista, que é um movimento que visava, que buscava, lutava pela autonomia do Acre. Ou seja, pela transformação do Território Federal em Estado, para que os acreanos pudessem ter os mesmos direitos políticos que todos os outros brasileiros também sempre tiveram.

Aarão Prado – Ah, então por isso o memorial, né? Por isso o memorial. Mas, você não tem... Você é autonomista? Como é que você sabe da história?

Marcos Vinícius – Eu sou autonomista, eu sou a favor de um Acre livre e soberano!

Cavalo Branco

Aarão Prado – Marcos, tem uma história que eu andei ouvindo por aí... Parece que os bolivianos dizem que o Acre foi trocado por um cavalo branco... Que papo é esse?

Marcos Vinícius – Rapaz, tem uma história do cavalo, sim. Mas só que não foi o Acre. O negócio é o seguinte: antes mesmo de o Acre ser conhecido, em 1867,

o Brasil e a Bolívia foram negociar um tratado, chamado Tratado de Ayacucho. Quem era presidente na época era o Mariano Melgarejo, que era um presidente maluco... Até hoje o povo boliviano odeia ele, detesta ele... Só que ele era apaixonado por cavalos. O cônsul brasileiro, sabendo disso, deu pra ele, antes de negociar o tratado, um casal de lindos cavalos brancos de raça e o condecorou com duas medalhas de latão. Ele ficou tão feliz, mas tão feliz, que quando sentou na frente do mapa, ele falou: “Rapaz, não vamos brigar por causa dessa terra aqui não, que não mora ninguém mesmo... Toma aqui dois dedos de terra e não se fala mais nisso”. E a linha, que era reta, do Tratado de Madrid, passou a ser oblíqua, como é a linha Cunha Gomes até hoje... E esse triângulo de terra passou a ser parte do Brasil... Só que essas terras não são do Acre, são do Amazonas... O Acre, mesmo, foi conquistado depois, na Revolução Acreana.

Aarão Prado – Como é que você sabe disso?

Marcos Vinícius – Eu não tava lá, mas eu me lembro!

Galvez

Aarão Prado – Rapaz, Marcos, uma das figuras, assim, que é inevitável pensar quando se fala da história do Acre é a questão do Galvez... Ele foi mesmo imperador do Acre, cara?

Marcos Vinícius – Rapaz, isso foi uma invenção, na época da própria revolução, da imprensa de Manaus e de Belém, que era contra a revolução que tava acontecendo aqui, porque nem todo mundo era a favor, e aí saiu um monte de matéria no jornal detratando o Galvez, dizendo que ele tinha se auto-proclamado imperador do Acre, e que ele era um bêbado, irresponsável, que gostava de mulher casada, aquelas coisas todas... Bom, que ele gostava de mulher casada, é verdade... Mas, ele nunca foi imperador do Acre. Ele foi presidente da República do Acre, do Estado Independente do Acre, proclamado no dia 14 de julho de 1899, em homenagem ao dia da queda da Bastilha, na Revolução Francesa...

Aarão Prado – Rapaz, como é que tu sabes disso? Tu escreveu alguma das matérias detonando o Galvez?

Marcos Vinícius – Não, eu escrevi uma defendendo... É brincadeira... Eu não tava lá, mas eu me lembro!

Wilson Pinheiro

Aarão Prado – Marcos, não resta dúvida que o Chico Mendes é, sem dúvida alguma, o maior personagem... Ou um dos maiores personagens da história do Acre... Tá, vamos socializar aí o mérito... Mas eu queria que você falasse de alguns personagens que tiveram ao lado do Chico Mendes, que tem uma importância muito grande na luta dele...

Marcos Vinícius – Olha, tem um que é fundamental, que, mais do que ao lado do Chico, teve na frente do Chico, né? O primeiro presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais foi o Wilson Pinheiro. Logo que o sindicato foi criado, ele era o presidente e o Chico Mendes era o secretário geral. E ele foi o primeiro a ser assassinado, em 1980. Invadiram a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais a noite, na hora ele tava assistindo televisão e deram dois tiros pelas costas, em 1980. Ele foi o primeiro grande líder do movimento seringueiro a ser assassinado, oito anos antes do próprio Chico Mendes vir a ser assassinado.

Aarão Prado – Como é que você sabe disso?

Marcos Vinícius – Rapaz, eu não tava lá não, mas me contaram e eu consigo me lembrar direitinho!

Considerações Finais

Três fatores devem ser realçados para fins de conclusão deste artigo. Primeiro: o artifício da simplicidade proposto pelos idealizadores e protagonistas do programa “Papo ou História?! para contar, através de fragmentos diários, detalhes da história acreana. Segundo: o poder dos meios eletrônicos como portadores de símbolos e ideologias. Terceiro: a permanência do rádio como veículo de comunicação, numa época em que muitos outros meios concorrem pela primazia da divulgação da mensagem.

Sobre o artifício da simplicidade, através da conversa descontraída, quase como se estivesse ocorrendo num banco de praça ou numa mesa de bar, o historiador Marcos Vinícius explica que a principal proposta do

programa é a de “dessacralizar a história tradicional, ou oficial, como muitos gostam de chamar, fazendo-a aproximar-se, o mais possível, da normalidade da vida real”. (NEVES, 2011, p. 13). Uma convicção pessoal, no dizer de Marcos Vinícius, que sobreveio depois da sua passagem pela faculdade, espaço onde lhes foram apresentadas as diversas correntes teóricas que fundamentaram o seu aprendizado, mas que não conseguiram fazer com que ele apreendesse a extensão do que se passava nas ruas. “(..) Foi na vida real, nas ruas, que aprendi o fundamental: a história é comunicação e arte ou não é nada... Todo o resto é jeito de fazer (...)”. (NEVES, 2011, p. 16).

Nesse sentido da importância de um programa como “Papo ou História?!” , que ensina de forma descontraída a história regional, é conveniente acrescentar-se um dado novo que aumenta ainda mais a relevância da iniciativa de Marcos Vinícius Neves e Aarão Prado, com o beneplácito de Alexandre Nunes, diretor da Rádio Aldeia FM. É que a única instituição de ensino superior pública do Estado, a Universidade Federal do Acre (UFAC), resolveu aderir ao Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) a partir deste ano de 2011, como única forma de ingresso nos seus cursos de graduação. Dessa forma, por ser nacional, o exame não inclui questões de caráter unicamente regional, fazendo com que a disciplina História do Acre, do ponto de vista do saber funcionalista, deixe de interessar para secundaristas e “vestibulandos”. “Papo ou História?!” supre, então, de certa forma, mesmo que momentaneamente e sem aparentes preocupações de rigor didático, mas com uma amplitude muito maior do que a de uma disciplina ministrada numa sala de aula, uma lacuna no conhecimento público da história acreana.

No tocante ao poder dos meios eletrônicos - dentre os quais o pioneiro deles foi o rádio - como portadores de símbolos e ideologias, é interessante destacar pelo menos duas das suas peculiaridades, que resultaram de fundamental importância para o sucesso do programa “Papo ou História?!”.

A primeira delas, no que diz respeito à mobilidade do receptor, o que o torna um elo vital e incomparável entre os lados interno e externo do elemento comunicacional. Diferentemente de uma mensagem transportada de um lugar para outro por um suporte físico, que tem a necessidade de se deslocar no tempo e no espaço, e que, assim sendo, não pode chegar a algum lugar no mesmo

instante da sua produção, os meios eletrônicos não precisam desse artifício, materializando-se em tempo real do outro lado da produção da mensagem. O rádio (assim como a televisão) não precisa de um portador para ultrapassar barreiras físicas.

A segunda peculiaridade, no tocante à independência do claro e escuro naturais. Nada detém o rádio (ou a televisão), nem o dia nem a noite. A estrutura técnica, tanto do rádio como da televisão, permite que as emissoras sejam sintonizadas durante as vinte e quatro horas do dia. Essa circunstância permite que esses portadores mantenham uma atualidade constante. A recepção estabelece uma contínua relação entre todos os envolvidos no processo.

Quanto à permanência do veículo rádio, em pleno século XXI, nada como um programa do porte deste “Papo ou História?!” para comprová-lo de forma cabal. O retorno da audiência, em forma de manifestações, às vezes por e-mail, às vezes numa saudação que os apresentadores recebem quando transitam pelas ruas de Rio Branco, são fortes evidências disso. Em outras palavras: com a capacidade de se reinventar que lhe é peculiar, seja com uma programação atraente, seja pela adaptação às novas tecnologias, o rádio segue sua trajetória cada vez mais saudável, botando por terra as previsões catastróficas que um dia vaticinaram a sua derrocada, por conta da emergência de outros veículos. Muito pelo contrário, a tecnologia tem é fortalecido as características do rádio, seja como prestador de serviços, seja como elemento de informação de primeira hora, seja como companheiro para o coração dos solitários.

Por toda a sua trajetória temporal e por toda a capacidade de adaptação demonstrada até aqui, expressa, principalmente, cada vez que alguém se debruça para analisar um produto novo que cai no gosto popular de forma rápida e direta, via ondas hertzianas, talvez não seja assim tão utópico dizer que o rádio, tendo sido o grande veículo do passado, continua sendo no presente e continuará a sê-lo no futuro!

Referências

ALDEIA, Rádio. *Programas gravados em MP3*. Arquivo pessoal. Rio Branco, 2011.

ESCH, Carlos Eduardo. *O Futuro dos Comunicadores e a Reinvenção do Rádio*. Artigo. In: *Desafios do Rádio no Século XXI* (Orgs. Sônia Virgínia Moreira e Nélia R. Del Bianco), Rio de Janeiro : UERJ, 2001.

NEVES, Marcos Vinícius. Coluna *Miolo de Pote*. *Jornal Página 20*, de 13 de junho de 2011. Rio Branco, 2011.

_____. Coluna *Miolo de Pote*. *Jornal Página 20*, de 27 de junho de 2011. Rio Branco, 2011.

PINHEIRO, Francisco de Moura. *Os Símbolos da Floresta na Voz do Rádio*. Artigo. In *História da Mídia Sonora – Experiências, Memórias e Afetos de Norte a Sul do Brasil* (Orgs. Luciano Klöckner e Nair Prata), Porto Alegre : Edipucrs, 2009.

_____. *Florestania – A Cidadania da Floresta Vista a Partir dos Conceitos de Biopolítica, Significantes Vazios e Ecologia dos Saberes*. Anais XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul : Intercom, 2010.

PROSS, Harry. *Estructura Simbólica del Poder*. Barcelona : Gustavo Gili, 1980.

RANZI, Cleusa Maria Damo. *Raízes do Acre*. Rio Branco : MM Paim / Edufac, 2008.

SILVA, Nilson Euclides da. *Um Governo na Floresta*. Tese de Doutorado. São Paulo : PUC, 2009.

TOCANTINS, Leandro. *Formação Histórica do Acre* (Vols. I e II). Brasília : Senado Federal, 2001.

Recebido: 17/03/2012

Aprovado: 16/05/2012